

# Literatura woolfiana no Brasil: traduções entre 2014 e 2024

## *Woolf's Oeuvre in Brazil: Translations between 2014 and 2024*

**Yuri Jivago Amorim Caribé**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
Recife | PE | BR  
yuri.caribe@ufpe.br  
<https://orcid.org/0000-0002-4330-6654>

**Lucas Leite Borba**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
Recife | PE | BR  
lucas.leiteb@ufpe.br  
<https://orcid.org/0000-0003-0040-2344>

**Resumo:** Esta pesquisa traz um levantamento historiográfico de obras da escritora inglesa Virginia Woolf (1886-1941) traduzidas em língua portuguesa e publicadas no Brasil entre os anos de 2014 e 2024, além de apresentar alguns dos tradutores dessas obras. Trata-se de uma proposta de atualização da pesquisa apresentada anteriormente (Caribé, 2015), dessa vez chegando até o ano de 2024. Refletimos sobre o papel relevante cumprido por essas traduções para a formação de leitores de Woolf no Brasil, apoiados no trabalho de Pym (2014), que propõe uma nova história da tradução baseada na confiança depositada nos tradutores e demais agentes de tradução, promovendo reflexões acerca da tradução como produto e sobre os processos envolvidos.

**Palavras-chave:** Literatura woolfiana; tradução literária; Virginia Woolf; História da Tradução; agentes de tradução.

**Abstract:** This research brings a historiographical survey of translations into Portuguese of works by the English writer Virginia Woolf (1882-1941) published in Brazil between 2014 and 2024 and introduces some translators of those books. It is a proposal of updating a previous research (Caribé, 2015), extending it until 2024. We reflected on the relevant role played by these translations for the training of Virginia Woolf readers in Brazil, supported by the work of Pym (2014), that



proposes a new translation history based on the trust we have in translators and other translation agents, besides promoting reflections about translation as a product and the processes involved.

**Keywords:** Woolf's oeuvre; literary translation; Virginia Woolf; translation history; translation agents.

## Introdução

A publicação de uma resenha do romance *The Son of Royal Langbrith* do escritor William Dean Howells no jornal inglês *The Guardian* em 1904 marca o início da carreira de Virginia Woolf (1882-1941), romancista, contista e ensaísta britânica traduzida em vários países do mundo. Tendo publicado obras da literatura literária (Candido, 2006), além de ensaios, Woolf produziu um acervo cada vez mais lido, traduzido e também pesquisado academicamente. A esse acervo chamaremos de literatura woolfiana, considerando que boa parte se encontra disponível em tradução para a língua portuguesa.

Dessa forma, a partir de nossa experiência leitora acadêmica e crítica, selecionamos para este trabalho algumas obras da literatura woolfiana traduzidas entre os anos de 2014 e 2024 e seus respectivos tradutores. Nosso intuito foi comentar alguns perfis de tradutores desta última década, após anos de tradução no Brasil.<sup>1</sup> Percebemos também que determinados fatores podem influenciar a preferência das editoras brasileiras por determinadas obras de Woolf a serem lançadas em tradução, o que de certa forma também norteará a escolha dos tradutores.

Assim sendo, identificamos alguns desses tradutores, o contexto de publicação dessas obras e fizemos nossas considerações sobre esse percurso. Não pretendemos listar todas as traduções e edições brasileiras das obras de Woolf, mas oferecer um panorama comentado das principais mudanças ocorridas entre 2014 e 2024. Essa prática se alinha ao objetivo traçado por Pym de “construir uma história de tradutores” (2014, p. 11, tradução nossa).<sup>2</sup>

Consideramos importante destacar que esta pesquisa, do tipo empírica e qualitativa, está dentro da área de estudos denominada de História da Tradução, conforme Williams e Chesterman (2002). Logo, trazemos um levantamento das traduções da literatura woolfiana no Brasil, tendo como base as informações disponibilizadas por Caribé (2015) e por Bottmann (2018) em seu *website*,<sup>3</sup> e outros dados advindos de nossa proposta de atualização. Com relação ao método historiográfico, trabalhamos com a perspectiva de Pym (2014), que coloca o tradutor como ponto focal em levantamentos desse tipo, sabendo que traduções são produzidas em um tempo e lugar social específicos, ou seja, nos contextos sociais onde os tradutores viveram e trabalharam e sabendo também que tradutores trabalham na interculturalidade.

<sup>1</sup> O ano de 2024 marca os 80 anos da literatura woolfiana em tradução no Brasil (1944-2024).

<sup>2</sup> my aim is very much to write a history of translators.

<sup>3</sup> BOTTMANN, Denise. Virginia Woolf traduzida no Brasil. *Blog não gosto de plágio*. Atualizado em: 12 set. 2018. Disponível em: [naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/08/woolf-no-brasil.html](http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/08/woolf-no-brasil.html). Acesso em: 22 jul. 2024.

## Notas sobre a tradução da literatura woolfiana no Brasil

Considerando a proposta de um levantamento historiográfico parcial que compõe a história da tradução da literatura woolfiana no Brasil, cabe inicialmente trabalhar o termo “história da tradução”, que Pym (2014) define como “uma área unificada para o estudo humanístico de tradutores humanos e de suas ações sociais, tanto dentro quanto fora de suas traduções materiais” (2014, p. 4, tradução nossa).<sup>4</sup> Trata-se então de um campo voltado ao mapeamento dos tradutores de determinadas obras e em determinadas culturas, considerando sua trajetória pessoal e profissional. Em nossa busca pelo mapeamento de algumas obras de Woolf traduzidas para o leitor brasileiro, entendemos que este trabalho envolve traduções e tradutores e que “pode fornecer informações e ideias que podem ser úteis para os agentes políticos no domínio da língua e da cultura em geral, bem como da tradução” (Pym, 2014, p. 16, tradução nossa).<sup>5</sup>

O perfil dos tradutores tem impacto direto nas obras traduzidas e no contexto de recepção dessas obras literárias, como aconteceu no caso das primeiras obras de Woolf publicadas no Brasil. A esse respeito, cabe mencionar que, conforme Wyler (2003), o movimento de tradução e publicação da literatura mundial para a língua portuguesa no Brasil começou ainda no século XIX. Porém, foi com mais ênfase a partir dos anos de 1940 do século XX que boa parte das obras famosas das literaturas de língua inglesa foi de fato traduzida e publicada, como no caso relatado por Hallewell (2005, p. 441) da tradução do romance *Mrs. Dalloway* de Woolf (1925a), o primeiro a circular no Brasil. Nesse momento da história da tradução da literatura woolfiana no Brasil, que Caribé (2015) chama de primeira fase, importantes obras literárias também ganharam versão em língua portuguesa, aumentando o leque de opções para o leitor brasileiro, que acompanhava o modernismo, seus autores e obras.

Como já dissemos, até os anos 1940, alguns escritores estrangeiros como Woolf ainda eram inéditos em língua portuguesa, fazendo com que as editoras tivessem um cuidado especial com o lançamento dessas obras. Um fato que atestou esse compromisso foi o convite feito à reconhecidos escritores brasileiros para que fossem eles os tradutores dessas obras. É claro que nos referimos aqui aos escritores que sabiam ler em outras línguas e que, além de escrever suas obras, também tiveram coragem de (re)escrever<sup>6</sup> tantas outras, aqui citando Lefevere (1992). Nesse caso, acreditamos que a familiarização do leitor brasileiro com esses escritores poderia servir de ponte para uma boa apresentação dessas traduções, ainda que os elementos paratextuais que melhor poderiam destacar a presença do tradutor, tais como a capa e a contracapa, não mencionassem nominalmente esses importantes escritores brasileiros tradutores dessas obras.

Embora saibamos que em 1944 circulou uma tradução feita por Dias da Costa do conto *Solid Objects* (Woolf, 1920) de Woolf em um volume da Coleção Contos do Mundo organizado por Rubem Braga (Woolf, 1944), foi a tradução do romance *Mrs. Dalloway*, à época já aclamado pela crítica literária de vários países, que teve maior impacto para o início da

<sup>4</sup> Translation history as a unified area for the humanistic study of human translators and their social actions, both within and beyond their material translations.

<sup>5</sup> translation history can provide information and ideas that may prove useful for policymakers in the field of general language and culture as well as translation.

<sup>6</sup> Em obra de referência, Lefevere (1992) considera a tradução literária como uma reescrita do texto-fonte.

história da literatura woolfiana no Brasil. Essa tarefa de tradução ficou a cargo do escritor Mário Quintana (1906-1994) em edição publicada pela editora Globo (Woolf, 1946b) e ainda hoje considerada como clássica, inclusive permanecendo como a única disponível até o ano de 2012, conforme pesquisa de Bottmann (2020). No mesmo ano, *The Waves* (1931) foi traduzido por Sylvia Valladão Azevedo<sup>7</sup> e publicado como *As ondas* pela editora Revista dos Tribunais (1946a). Em 1948, a mesma editora Globo (Woolf, 1948) convidou Cecília Meireles (1901-1964) a traduzir o *Orlando* de Woolf (1928), encerrando a primeira fase de traduções da literatura woolfiana no Brasil (Caribé, 2015).

Segundo Pym (2014), pesquisadores voltados à tarefa de produzir uma história da tradução de determinado escritor e suas obras traduzidas, devem seguir quatro princípios: refletir sobre a realização desse trabalho tradutório (ou causalidade), voltar-se para o(s) tradutor(es) envolvido(s), pensar nessa proposta como sendo do âmbito da interculturalidade e, finalmente, refletir sobre as razões para concluir esse trabalho na contemporaneidade, inclusive sobre motivações pessoais.

Com relação à causalidade, afirmamos que essas primeiras traduções da literatura woolfiana publicadas nos anos de 1940 – e traduzidas por escritores como Quintana e Meireles – refletem o movimento das editoras brasileiras de disponibilizar grandes obras da literatura mundial em língua portuguesa, especialmente àquelas feitas por escritores de grande visibilidade, como Woolf e Joyce (Hallewell, 2005). Aliás, sobre os tradutores citados no levantamento ora apresentado: procuramos identificar alguns dos mais representativos, desde Quintana (tradutor de *Mrs. Dalloway*) em 1946, passando pela também escritora Lya Luft (1938-2021), tradutora de várias obras de Woolf como *O quarto de Jacob* (1980) e *A viagem* (2021d) até Tomaz Tadeu, que recentemente (Woolf, 2024a) traduziu o *Anon* de Woolf (1979a), dentre outras traduções já realizadas. A história de tradução da literatura woolfiana no Brasil mostra ainda que, ao longo dos anos, o perfil dos tradutores foi se modificando: percebemos a inclusão de tradutores com trabalhos acadêmicos relacionados à literatura woolfiana, como é o caso de Ana Carolina Mesquita e sua tese (2018) relacionada aos diários de Woolf. Mesquita posteriormente traduziu *Os diários de Virginia Woolf – Volume 1* (Woolf, 2021g), conforme detalharemos mais adiante.

Sobre o princípio da interculturalidade e os tradutores das obras de Woolf, é certo que, como leitores de obras literárias escritas originalmente em outras línguas, já passeavam por culturas diversas. Podemos inferir que essa possibilidade de ler obras de literaturas estrangeiras revela uma prática, ora alimentada pela própria curiosidade desse tradutor, ora impulsionada pelo desafio editorial de traduzir essas obras em língua portuguesa. Pym (2014, p. 182-183, tradução nossa)<sup>8</sup> ilustra bem essa reflexão com a citação a seguir:

Mas a existência de competência em línguas estrangeiras em qualquer grau deve sugerir pelo menos algum deslocamento para longe dos centros monolíngues. Com maior frequência, os tradutores tendem a não compartilhar o mesmo

<sup>7</sup> Sobre a tradutora Valladão, ver a postagem de Bottmann de 12 de setembro de 2018 em seu blog (Bottmann, 2018). Disponível em: <https://naogostodeplagio.blogspot.com/search/label/virginia%20woolf>.

<sup>8</sup> But the existence, to whatever degree, of competence in foreign languages must suggest at least some displacement away from monolingual centres. More generally, translators tend not to share the same linguistic horizon as the people who depend on their translations; they cannot be neatly circumscribed, along with everyone else, in an independent target culture.

horizonte linguístico que as pessoas que dependem de suas traduções; eles não podem estar nitidamente circunscritos, junto com os demais, em uma cultura -alvo independente.

Então, os tradutores da literatura woolfiana (desde os primeiros até os mais recentes), além de afinados com a escrita woolfiana, possuem certo grau de familiaridade com a língua e com a cultura dos povos de língua inglesa. Isso os habilita a ler literatura originalmente escrita em outras línguas e traduzir especialmente para aqueles leitores brasileiros que, por diversas razões,<sup>9</sup> esperam e/ou precisam da tradução para conhecer determinadas obras literárias das literaturas estrangeiras. Em outras palavras: sua perspectiva leitora é ampla, não ficam restritos aos escritores de língua portuguesa, incluindo também escritores de língua inglesa.

Sobre as razões para concluir um trabalho de história (parcial) da tradução das obras de Woolf no Brasil, realmente precisamos falar de motivações pessoais. Sabemos que, desde o início, havia os leitores de Woolf com acesso às obras em inglês e também os que a conheceram pelas traduções. Há dez anos, Caribé (2015), autor deste trabalho, concluiu sua tese de doutorado trazendo informações acerca dessas traduções. Naquela época, o levantamento bibliográfico presente no *website* de Bottmann (2018) foi inspirador dentro de uma proposta historiográfica de tradução. Contudo, era importante pesquisar o impacto causado pela publicação do romance *As horas* (1999) de Michael Cunningham no Brasil e da adaptação fílmica homônima (2003),<sup>10</sup> visto que essas duas obras trouxeram novo fôlego à literatura woolfiana (Caribé, 2015). A partir de 2012, veio a fase que sucedeu a entrada das obras de Woolf em domínio público, o que ampliou a oferta de obras traduzidas no mercado literário brasileiro. Com o passar dos anos, outros trabalhos acadêmicos surgiram, sob o formato de artigos, dissertações e teses, formando uma rede de pesquisadores da literatura woolfiana no Brasil, que atuam como embaixadores das obras dessa escritora dentro e fora da academia. A dissertação de mestrado de Lucas Borba (2024), coautor deste trabalho, sobre *Entre os atos* (2022a) soma-se a outras obras que contribuem para a fortuna crítica relacionada à Woolf. Então, como pesquisadores dedicados à literatura woolfiana, propomos um levantamento focado na última década e organizamos o material ora apresentado, que inclui nossas impressões sobre esse percurso tradutório.

Ainda sobre Pym (2014), o autor afirma que uma proposta de história da tradução de obras de um determinado escritor pode ser dividida em três áreas: arqueologia da tradução, crítica e explanação, sabendo que se relacionam e que são interdependentes.

Com relação à arqueologia, este trabalho procura, dentro do seu alcance, tirar da invisibilidade alguns tradutores de importantes obras da literatura woolfiana no Brasil.

A respeito da crítica histórica, sabemos que “deve determinar o valor do trabalho antigo de um tradutor em relação aos efeitos alcançados no passado” (Pym, 2014, p. 5, tradu-

<sup>9</sup> É possível que alguns leitores (especialmente pesquisadores) prefiram trabalhar com traduções publicadas da literatura woolfiana por questões de padronização das citações em suas pesquisas acadêmicas e para que a discussão gire em torno dos temas apresentados por Woolf em suas obras. No caso de leitores livres de tarefas ou compromissos profissionais, escolares ou acadêmicos, há também aqueles que preferem ler a literatura literária (Candido, 2006) em língua materna, ou seja, optam pela tradução, ainda que sejam capazes de ler em outras línguas.

<sup>10</sup> O filme *As horas* foi lançado em 2002, mas estreou no Brasil somente em 2003.

ção nossa).<sup>11</sup> Aqui pensamos novamente em *Mrs. Dalloway*, romance de Woolf traduzido por Mário Quintana (Woolf, 1946b). Essa edição, como afirmamos, foi pioneira e revela o grande respeito que o público leitor brasileiro, assim como a crítica literária e acadêmica, tem pelo trabalho de Quintana. Por uma decisão editorial que mostra certa reverência à língua inglesa, foi mantido o título do romance de Woolf em língua portuguesa (*Mrs. Dalloway*), aspecto que lembra o conceito de estrangeirização esclarecido por Venuti (2004). Somente em edição mais recente (Woolf, 2021c) traduzida por José Rubens Siqueira, o romance foi publicado com o título de *Asra. Dalloway*.

Com relação à explanação, é a parte do trabalho historiográfico de tradução que tenta dizer por que, quando e onde os artefatos arqueológicos de tradução ocorreram (Pym, 2014, p. 6). Aqui, nossa principal conclusão é que havia no início uma urgência em se traduzir importantes autores das literaturas estrangeiras e que possivelmente a recepção favorável das primeiras traduções deu origem à segunda fase da tradução da literatura woolfiana, que vai de 1968 (com a publicação de *O farol* traduzido por Luiza Lobo) até 1998, ano que antecedeu o lançamento do romance *As horas* (1999) de Michael Cunningham no Brasil. A terceira fase de publicação das traduções de Woolf foi diretamente influenciada pelo alcance do romance *As horas* (1999). Esse período vai até 2008 e compreende o lançamento de muitas reedições (revelando certo conservadorismo por parte das editoras em manter boa parte das primeiras traduções circulando no mercado), além de algumas obras inéditas, como a edição dos *Contos completos* (Woolf, 2005a), traduzida por Leonardo Fróes. A quarta fase, que vamos discutir na próxima seção, mostra uma retomada da literatura woolfiana e uma ampliação e modificação do quadro de tradutores.

Cabe ainda refletir sobre a confiança depositada nos tradutores, tema inicialmente abordado por Steiner (1975) e mais recentemente por Rizzi, Lang e Pym (2019, p. 2, tradução nossa),<sup>12</sup> que sugerem seu uso “como um objeto de estudo e uma ferramenta analítica para entender a mediação intercultural”. Pym (2014, p. 185, tradução nossa)<sup>13</sup> acrescenta que “tradutores não estão apenas envolvidos em relações de confiança com relação a textos estrangeiros, mas eles próprios devem buscar constantemente a confiança de seus clientes ou receptores”. Esses excertos nos levam a refletir sobre o cuidado que as editoras tiveram e continuam tendo com os textos de Woolf no Brasil. Acreditamos que cada tradutor aqui citado foi previamente selecionado por uma editora reconhecida, que levou em consideração sua capacidade tradutória e confiou em seu trabalho. Parece que o público leitor e a crítica literária também confiam nessas traduções, haja vista a quantidade significativa de obras acadêmicas editadas no Brasil que trazem citações de obras traduzidas de Woolf, além de trabalhos completos sobre as mesmas.

<sup>11</sup> must determine the value of a past translator's work in relation to the effects achieved in the past.

<sup>12</sup> suggest the use of trust as both an object of study and an analytical tool for understanding intercultural mediation.

<sup>13</sup> Not only are translators engaged in relationships of trust with respect to foreign texts but they themselves must constantly seek to be trusted by their clients or receivers.

### Quarta fase de publicação das obras de Woolf no Brasil: atualizações

Em sua tese de doutorado (2015), Caribé ratifica que houve uma eclosão de publicações de obras de Virginia Woolf no Brasil após o domínio público, ocorrido a partir de 1 de janeiro de 2012 (que o autor chama de quarta fase). Esse momento compreende a publicação de reedições das obras mais importantes e o lançamento de novas traduções das mais diversas obras de Woolf, de ficção e não ficção, como ocorreu com *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, traduzido por Denise Bottmann (Woolf, 2012). Uma das questões que o domínio público mais influenciou, acerca das reedições, é a multiplicidade no perfil dos tradutores. Principalmente no que tange aos romances, o que se observa são trabalhos de pesquisadores da literatura woolfiana ou de tradutores de formação, em paralelo à tradição de escritores renomados brasileiros das fases anteriores.

Logo, propomos uma atualização da pesquisa de Caribé (2015), abrangendo também as obras publicadas no período de 2014 a 2024. No lastro dos comentários do pesquisador, o que observamos nessa última década foi a edição e publicação de obras comentadas da autora; a ampliação da tradução dos ensaios, cartas e diários de Woolf e a publicação da literatura woolfiana por editoras independentes. Em 2014, Virginia Woolf já era uma autora consolidada no mercado literário brasileiro e já havia tradutores afinados com a literatura woolfiana, que chamaremos de tradutores especializados. Se na terceira fase de publicações da literatura woolfiana no Brasil, Caribé observou o impulso dado pela publicação da tradução de *As horas* (1999), na quarta fase o que se nota é uma busca das editoras por materiais inéditos e menos conhecidos de Woolf.

Tabela 1		
Original	Reedição	Tradutor/Editora
<i>A Room of One's Own</i> (Hogarth, 1929)	<i>Um teto todo seu</i> (2014)	Bia Nunes de Sousa/ Tordesilhas
<i>Orlando: a Biography</i> (Hogarth, 1928)	<i>Orlando: uma bio- grafia</i> (2015b)	Tomaz Tadeu/Autêntica
<i>The Sun and the Fish</i> (Hogarth, 1950b)	<i>O sol e o peixe</i> (2015a)	Tomaz Tadeu/Autêntica
<i>Flush: A Biography</i> (Hogarth, 1933)	<i>Flush: uma biografia</i> (2016)	Tomaz Tadeu/Autêntica
<i>Three Guineas</i> (Hogarth, 1938)	<i>Três guinéus</i> (2019c)	Tomaz Tadeu/Autêntica
<i>The Waves</i> (Hogarth, 1931)	<i>As ondas</i> (2021e)	Tomaz Tadeu/Autêntica

Fonte: Elaboração própria

Observamos que nos anos de 2014 e 2015 praticamente manteve-se o mesmo perfil de tradutores e pesquisadores nas reedições das obras de Woolf no Brasil. Bia Nunes de Sousa (especialista em Literaturas de Língua Inglesa) traduz *A Room of One's Own* (1929) como *Um teto*

*todo seu* (Woolf, 2014c), sendo essa a primeira tradução depois daquela feita por Vera Ribeiro e lançada pela Nova Fronteira em 1985 (2005b). Nessa edição, Sousa decide manter a opção por “teto” de Vera Ribeiro, que carrega aliteração e assonância, assim como o título original. No lastro da tradução de Ribeiro, Nunes também opta pelo uso de “teto” ao invés de “cômodo” ou “quarto”, que seria uma tradução mais direta – sendo “quarto” uma opção que outros tradutores preferiram utilizar em edições posteriores. A edição publicada pela Tordesilhas traz ainda um posfácio de Noemi Jaffe e notas de rodapé. Esse é um estilo que se tornou comum nas edições de Woolf no Brasil, principalmente a partir do trabalho de Tomaz Tadeu. Ademais, *A Room of One's Own*, após a tradução de Bia Nunes de Sousa, também foi traduzido por: Denise Bottmann (Woolf, 2019d), Adriana Buzzeti (Woolf, 2020b), Julia Romeu (Woolf, 2021i), Maria Luiza X. de A. Borges (Woolf, 2022b) e Vanessa Bárbara (Woolf, 2022c).

O projeto de tradução da Autêntica envolve notas de rodapé, textos de apoio e ainda notas de tradução. A tradução de *Orlando: uma biografia* (Woolf, 2015b) por Tadeu surge logo após a de Jorio Dauster (Woolf, 2014b), pela Penguin Companhia, e acontece mais de 20 anos após a segunda tradução do romance por Laura Alves (Woolf, 1994). Destacamos o caso dessa tradução, que ganhou uma segunda edição em 2021, ano da publicação de *As ondas* pelo mesmo tradutor e editora (Woolf, 2021e). O motivo dessa reedição é o fato de Tomaz Tadeu não ter incluído a imagem na sobrecapa, que está presente na edição original do romance. O autor leu um artigo de duas pesquisadoras que, apesar de elogiarem as edições e traduções da Autêntica, comentaram essa falta. Sobre isso, Tadeu comenta na segunda edição: “Sou-lhes imensamente agradecido pelo puxão de orelha” (Woolf, 2021d, p. 305). Esse episódio revela o apreço e atenção de Tadeu com o olhar dos pesquisadores, promovendo não só edições bem informadas acerca da literatura woolfiana, como também fazendo jus ao trabalho daqueles que se destinam a pesquisá-la. Acreditamos, com base em depoimentos de vários colegas integrantes da rede nacional de pesquisadores da literatura woolfiana no Brasil, que as edições da Autêntica, de fato, sejam as mais procuradas por eles e essa atenção de Tadeu justifica o motivo da escolha.

Da mesma forma, podemos observar na Tabela 1 um recorte de edições que integram o projeto da Autêntica de publicar a obra de Woolf traduzida em edições com notas de tradução e notas explicativas.<sup>14</sup> No caso de *Flush* (Woolf, 2016), a tradução de Tadeu traz de volta ao mercado essa obra cuja primeira e última tradução havia sido publicada em 2004 pela L&PM Pocket, assinada por Ana Ban (Woolf, 2004). Incluindo um mapa com os caminhos percorridos pelo cachorro-protagonista de Woolf, ilustrações de Katyuli Lloyd e posfácio de Maria Esther Maciel, a tradução e edição de Tadeu enriquecem o valor dessa obra, por vezes ofuscada pelos romances mais famosos da autora. As ilustrações de Lloyd foram listadas para o V&A Illustration Award de 2016 e compõem não só a edição brasileira, como também uma edição em inglês publicada em 2018 pela Prosymne Press (Woolf, 2018). Vale ressaltar que Maciel, docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tem como interesse de pesquisa a interdisciplinaridade entre literatura e ecologia, com foco em estudos acerca dos animais na ficção e atualmente trabalha no projeto intitulado “Zooliteratura brasileira: animais, animalidade e os limites do humano”. Esses dados relacionados à escolha dos pro-

<sup>14</sup> Algumas notas de Tadeu apenas explicam referências citadas por Woolf.

fissionais envolvidos nas edições citadas comprovam a atenção da editora Autêntica com o impacto cultural e acadêmico da literatura woolfiana no Brasil.

Essa edição de *Flush* (Woolf, 2016) também procura reproduzir/traduzir o mesmo tom jocoso do original publicado por Woolf em 1933. Sendo *Flush* uma biografia do cachorro da poeta Elizabeth Barrett Browning, Woolf inclui no texto-fonte notas de referência em que se desculpa pela escassez de “fontes para a precedente biografia” (Woolf, 2016, p. 114). Tadeu, que em nota de tradução fala de sua preocupação em trazer esse elemento mais lúdico do texto em inglês para a edição brasileira, não só traduz todos esses elementos paratextuais, como também, ao descrever a si mesmo na seção de apresentação, diz: “Nunca teve cão. Papagaio Periquito [...]. Se tiver escolha, prefere gato” (Woolf, 2016, p. 140). Ao final dessa edição, há um texto descritivo sobre cada profissional envolvido: autora (Woolf), ilustradora (Lloyd), posfaciadora (Maciel) e tradutor (Tadeu). Maciel e Lloyd, em sua descrição, também falam da relação que têm com os animais. Em suma, *Flush*, em segunda tradução no Brasil, ganha uma edição tão paródica quanto àquela publicada por Woolf.

*Three Guineas* (Woolf, 1938), ensaio no qual Woolf aborda diretamente a relação entre a guerra, o feminismo e a cultura imperial inglesa, foi traduzido e publicado pela primeira vez em 2019, em edição citada na Tabela 1 (Woolf, 2019c). Na orelha dessa edição, o tradutor Tomaz Tadeu fala do gênero ensaio como um “documento”, referindo-se ao longo processo de pesquisa realizado por Woolf para escrever *Três guinéus*. Em nota de tradução, Tadeu cita passagens dos diários de Woolf e comenta as relações entre *Três guinéus* e outros ensaios, como *Um quarto todo seu* (tradução livre de Tadeu ao citar a obra) e *Profissões para mulheres*. Essa edição inclui os cinco retratos que constam no original, suprimidos de outras edições como da Penguin, da Oxford e da Shakespeare Press. Por fim, ainda explica que a capa, que tem como imagem um fundo preto e uma mão embranquecida aberta, é uma referência a uma carta de Woolf relatando o dia em que Aldous Huxley pediu para que ela deixasse Lotte Wolff ler sua mão. Nessa carta, Woolf questiona “Por que mortes e outros eventos deveriam marcar a palma da mão?” (Woolf, 2019c, p. 200). É então a palma de uma mão, que em uma leitura esotérica marca mortes e outros eventos, que estampam a primeira edição brasileira do ensaio.

No ano de 2019, a Autêntica já havia publicado mais de dez títulos de Virginia Woolf e Tomaz Tadeu seguia como um tradutor atento ao livro como produto, encapsulando as mensagens do texto nos elementos não textuais também. Todavia, em 2021, Tomaz Tadeu anuncia que *As ondas* seria sua última tradução. Pela primeira vez uma edição da Autêntica inclui a seção “Notas pessoais”, na qual Tadeu exprime um pesar e vários agradecimentos. Ele anuncia que o motivo para o encerramento do que ele chama de “experiência tradutória”: um problema fisiológico em sua mão. Relata ainda que não se adaptou ao uso de tecnologias que transformam fala em escrita: “Descubro, surpreso, que as palavras não me saem dos lábios mas das pontas dos dedos” (Tadeu, 2021c, p. 249). Ele explica também que essa limitação é o motivo pelo qual essa edição de *As ondas* não possui notas que, segundo ele, “têm caracterizado as edições dos livros de Virginia traduzidos por mim e publicados pela Autêntica” (Tadeu, 2021d, p. 249). Na seção de agradecimentos Tadeu faz um tributo a toda equipe da Autêntica, assim como aos editores, ilustradores e pesquisadores. Apesar de não incluir notas, essa edição de *As ondas* (2021d) traz um guia de leitura elaborado por Tadeu.

A despedida desse tradutor foi recebida com tristeza pelos leitores brasileiros de Woolf, uma vez que as edições da Autêntica se consolidaram como obras de referência para pesquisadores e leitores em geral, dado o capricho com que foram produzidas. Entretanto, como observamos na tabela a seguir (Tabela 2), *As ondas* (2021d) ainda não seria a última tradução de Tadeu publicada pela Autêntica.

Tabela 2		
Original	Reedição	Tradutor/Editora
<i>The Voyage Out</i> (Hogarth, 1915)	<i>A viagem</i> (2021d)	Lya Luft/Novo Século
<i>The Diary of Virginia Woolf V. 1</i> (1915-1919) (Harcourt Brace & Company, 1979b)	<i>Diários de Virginia Woolf - Volume 1: Diário 1</i> (1915-1918) (2021g)	Ana Carolina Mesquita/Nós
<i>Between the Acts</i> (Hogarth, 1941)	<i>Entre os atos</i> (2022a)	Tomaz Tadeu/Autêntica
<i>The Common Reader</i> (Hogarth, 1925b)	<i>O leitor comum</i> (2023b)	Marcelo Pen e Ana Carolina Mesquita/Tordesilhas
<i>The Complete Shorter Fiction</i> (Hogarth, 1985a)	<i>Contos completos</i> (2023a)	Leonardo Fróes/Editora 34
<i>Anon</i> (Twentieth Century Literature, 1979a)	<i>Anon</i> (2024a)	Tomaz Tadeu/Autêntica

Fonte: Elaboração própria

A tradução de Tomaz Tadeu do último romance de Virginia Woolf anunciada em 2022 não desautoriza sua nota de pesar em *As ondas*. É possível que o manuscrito de *Entre os atos* já estivesse pronto, já que essa edição inclui notas de tradução e referência de Tadeu e ainda um posfácio de Ayako Yoshino, também traduzido por ele. Por *Entre os atos* não apresentar originalmente uma divisão, ao final do texto, Tadeu inclui uma divisão sua, indicando as páginas que marcam o início e o fim de cada ato da peça de La Trobe, além de uma explicação acerca do que é um *pageant*. Não há nenhuma dedicatória nessa edição, mas na seção de minibiografias, ele se descreve como “tradutor literário: nada mais que isso. Não tem biografia nem bibliografia” (Woolf, 2022a, p. 188). Essa edição consolida algo importante: o tradutor ganha destaque visual nas publicações da Autêntica, estando o nome de Tadeu sempre nas capas dos livros. Importante dizer que essas edições publicadas são resultado não apenas do trabalho do tradutor com o texto em si, mas de sua pesquisa e curadorias cautelosas.

Em 2021, a editora Novo Século lançou um *box* contendo os quatro primeiros romances de Woolf em tradução: *A viagem*, *Noite e dia*, *O quarto de Jacob* e *A sra. Dalloway*, sendo os três primeiros reedições com tradução de Lya Luft e o último uma retradução (ou uma nova tradu-

ção), dessa vez por Rubens Siqueira (Woolf, 2021c). As publicações da literatura woolfiana pela Novo Século já estavam completando mais de uma década desde a reedição de *A viagem* em 2008, com tradução de Lya Luft, apresentação de Antonio Bivar e introdução de Angela Garnett (Woolf, 2008). Substituindo todos os elementos pré-textuais das edições anteriores, a Novo Século incluiu nesse *box* um livreto de apresentação assinado pela professora e pesquisadora Maria Aparecida de Oliveira, que faz um resumo crítico e analítico desses quatro romances. Essa substituição e atualização dos paratextos revela a preocupação da editora em incluir o olhar agregador de profissionais das letras nas novas publicações da literatura woolfiana em tradução, embora tenha apenas reeditado três dos quatro romances incluídos no *box*.

O ano de 2021 também marca o início do projeto da Editora Nós de publicar os diários de Virginia Woolf (Woolf, 1979b) em tradução realizada por Ana Carolina Mesquita, pesquisadora da literatura woolfiana que já traduziu contos e ensaios de Woolf pela mesma editora. Essa foi a primeira vez que os diários foram traduzidos na íntegra. A ideia partiu da tese de doutorado de Mesquita (2018), momento em que traduz e comenta o que chama de “Diários de Tavistock”, em referência aos diários que Woolf escreveu nesse local entre os anos de 1924 e 1931. Assim, as edições da Nós contam com apresentações, notas e comentários da tradutora, localizando não apenas o leitor no contexto da escrita dos diários, mas também no processo tradutório. No texto de apresentação do primeiro diário (Woolf, 2021g), Mesquita comenta algumas escolhas de tradução e quais vertentes costuma seguir, citando o ensaio “Da tradução como criação e como crítica”, de Haroldo de Campos (2006).<sup>15</sup> Logo, nota-se como a Nós, assim como a Autêntica, traz edições que auxiliam o leitor acadêmico e também o leitor “comum”, usando designação da própria escritora.

Ademais, as traduções dos escritos “autobiográficos” de Woolf no Brasil são publicadas com maior frequência a partir do domínio público (2012). Em 2023, a Editora Morro Branco publicou as correspondências entre Woolf e Vita Sackville-West, com tradução de Camila von Holdefer (Woolf, 2023c). Do mesmo modo, a editora Vintage Classics, a mesma que publicou a biografia *Virginia Woolf* por Hermione Lee (1999), havia lançado *Love Letters: Vita and Virginia* (Woolf, 2021f) em 2021. Em 2024, as correspondências entre Woolf e Victoria Ocampo são traduzidas por Emanuela Siqueira, Nylcéa Pedra e Rosalia Pirolli e publicadas pela editora Bazar do Tempo (Woolf, 2024c). As cartas de Woolf foram publicadas originalmente pela Houghton Mifflin Harvost em seis tomos, o que explica a opção da editora brasileira em dividir o material por temas nessa primeira tradução. Além desses, a peça *Freshwater* (1935/1976), único experimento dramático de Woolf, baseada na história de sua tia avó Julia Cameron, foi traduzida e comentada pelo pesquisador brasileiro Victor Santiago Sousa em sua tese de doutorado (Sousa, 2022). A peça já havia sido montada no Brasil em 2021 via Lei Aldir Blanc, com tradução e dramaturgia de Sousa. Uma segunda montagem aconteceu em 2025, estreada em 7 de fevereiro no Teatro do SESC Ipiranga, desta vez sob a direção de Sol Faganello, com adaptação e dramaturgia de Gabriel Saito e Victor Santiago.

No ano de 2023, a Editora 34 publicou pela primeira vez uma obra de Virginia Woolf, sendo essa uma reedição da tradução de Leonardo Fróes dos *Contos completos*, anteriormente publicada em 2005. A reedição da 34 (Woolf, 2023a) é acrescida de notas e de um posfácio assinado pelo próprio Fróes. A tradução de Fróes, como indicado na tabela 2, parte do texto-

<sup>15</sup> CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 31-48. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8105173/mod\\_resource/content/1/Haroldo%20de%20Campos.%20Metalinguagem%20e%20outras%20metas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8105173/mod_resource/content/1/Haroldo%20de%20Campos.%20Metalinguagem%20e%20outras%20metas.pdf). Acesso em: 24 set. 2024.

fonte de 1985, editado por Susan Dick (Woolf, 1985a). Essa reedição foi importante porque relançou a coletânea completa de contos woolfianos no mercado editorial brasileiro, em edição esgotada desde o encerramento dos trabalhos da editora Cosac Naify em 2015, depois reaberta em 2023 e renomeada Cosac. No ano de 2024, a Editora 34 também publica *Ensaio seletos* (Woolf, 2024b), dessa vez com organização e tradução de Leonardo Fróes, na verdade uma reedição de *O valor do riso e outros ensaios*, publicado em 2014 pela Cosac Naify (Woolf, 2014a). A edição da Cosac Naify era a mais completa em termos de variedade dos ensaios de Woolf, e também saiu de circulação junto com os *Contos completos*. Essa edição de 2024 traz uma introdução de Leonardo Fróes, e novas notas textuais.

Notamos que a entrada das obras de Woolf em domínio público a partir de 2012 impulsionou não apenas a reedição dos romances, mas também a tradução de seus ensaios. Nesse sentido, trataremos agora da tradução de quatro coletâneas de ensaios originalmente publicadas pela Hogarth Press: *The Common Reader* (1925b), *The Captain's Death Bed* (1950a), *Monday or Tuesday* (1921) e *The Death of the Moth* (1942), sabendo nem todas ganharam uma edição brasileira com traduções na íntegra. *O leitor comum* da editora Tordesilhas é a primeira edição que traz ensaios escritos e organizados por Woolf em 1925 (na íntegra) traduzidos por Ana Carolina Mesquita e Marcelo Pen em 2023 (Woolf, 2023b). Em 2007, a editora Graphia, do Rio de Janeiro, lançou o livro *O leitor comum*, traduzido por Luciana Viégas, que também contém todos os ensaios publicados por Woolf em 1925, mesclando com as do segundo volume, publicado em 1932. A edição traduzida por Emanuela Siqueira e publicada pela Arte & Letra em 2020 como *A leitora incomum* (Woolf, 2020a) também inclui importantes ensaios da literatura woolfiana, como a tradução de *Phases of Fiction*, que não está presente nas edições originais de *The Common Reader* e *The Common Reader v. 2*, ambos publicados pela Hogarth Press (1925, 1932).

Sobre outras edições da Hogarth Press voltadas aos ensaios de Woolf, a editora Nós havia publicado *A morte da mariposa* em 2021, mas em volume que continha apenas aquele que intitula a obra (Woolf, 2021b). Além dos diários, a editora Nós contribuiu com edições isoladas dos ensaios, como fez ao publicar *Sobre estar doente*, traduzido por Maria Rita Drumond Viana e Ana Carolina Mesquita (Woolf, 2021h), e alguns contos em formato de edição de bolso, traduzidos por Ana Carolina Mesquita. Em 2019, a editora Red Tapioca lançou a coletânea de contos *Segunda ou terça* que apresenta alguns problemas, como a presença de duas fichas catalográficas com tradutoras diferentes em cada, Renata Gomes e Taís Paulito Blauth. Essa edição não apresenta prefácio, posfácio ou notas. É possível que coletâneas como essa da Red Tapioca não tenham sido editadas com o mesmo conteúdo da edição original *Monday or Tuesday* (Woolf, 1921), porque os ensaios nela contidos já estavam traduzidos e publicados em outros volumes, como em *O valor do riso e outros ensaios* (Woolf, 2014a), *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (2012) e *Mulheres e ficção* (2019a).

Encerramos com algumas observações acerca da última obra de Woolf publicada e traduzida no Brasil até o fechamento deste trabalho: o ensaio intitulado *Anon* (2024a), pela editora Autêntica, com tradução de Tomaz Tadeu. Como pode ser observado na Tabela 2, *Anon* (originalmente escrito em 1941) foi resgatado por Brenda Silver em 1979 e faria parte de uma coletânea que Woolf não finalizou sobre a história da literatura (Woolf, 1979a). Em *Anon*, o primeiro ensaio, Woolf aborda o papel do autor na literatura, partindo da tradição oral à contemporaneidade. Tomaz Tadeu inclui nessa edição o manuscrito de Silver, tanto de *Anon* quanto de *O leitor*, o segundo capítulo da coletânea não finalizada por Woolf, e

ainda ensaios presentes na edição original de *The Common Reader* (Woolf, 1925b). Os textos são acompanhados por uma introdução de Brenda Silver e de notas de tradução elaboradas por Tadeu, que mais uma vez procura reverberar os sentidos do texto principal nos paratextos do livro: na minibiografia descreve Woolf com a frase “não é uma escritora anônima” e a si mesmo com as palavras “tem se dedicado, nos últimos anos, a traduzir a ficção e a prosa ensaística de Virginia Woolf” (Woolf, 2024a, p. 155). Essa edição de *Anon* pela Autêntica reafirma o crescente interesse dos tradutores e do público pelas mais diversas obras de Woolf, mesmo aquelas menos conhecidas.

## Considerações finais

Esta pesquisa trouxe reflexões sobre alguns trabalhos teóricos relacionados à história da tradução literária, procurando fazer conexões entre essas leituras e nossa proposta de um levantamento historiográfico acerca das traduções de obras de Woolf no Brasil. Assim, relembramos o sequenciamento de publicação das principais obras dessa escritora em quatro fases, conforme Caribé (2015), e dentro de cada contexto, levando em consideração principalmente o tradutor, conforme estabelece Pym (2014). Nesse sentido, refletimos sobre a tradução dessas obras através do trabalho dos tradutores envolvidos (inclusive procurando identificá-los). Por fim, demonstramos de que forma a interculturalidade perpassa esse trabalho e revelamos nossas motivações pessoais, que levaram à realização desta pesquisa.

Inicialmente, citamos dois importantes acontecimentos que impulsionaram o processo de retomada da literatura woolfiana em tradução no Brasil: o lançamento do romance *As horas* (1999) de Michael Cunningham e da adaptação fílmica homônima em 2003 (Caribé, 2015). Esses eventos influenciaram diretamente o mercado editorial brasileiro a lançar uma sequência de obras inéditas de Woolf e também a reeditar algumas das obras mais conhecidas dessa escritora, traduzida desde 1944. A partir da entrada da literatura woolfiana em domínio público (2012), temos mais uma fase de reedições e retraduições no Brasil, que se estende até a contemporaneidade (ano de 2024).

Podemos observar que especialmente na última década (2014 a 2024), as editoras têm realizado um trabalho meticuloso de produção das traduções de obras de Woolf no Brasil, que muitas vezes são acrescidas de notas de tradução e de paratextos informativos. O envolvimento da pesquisa acadêmica com as editoras parece trazer a literatura woolfiana para mais perto dos leitores, assim como auxilia pesquisadores iniciantes em suas jornadas. Se no início essa literatura dependia de nomes já consagrados da literatura nacional para se estabelecer, na contemporaneidade as obras de Woolf aquecem o mercado editorial. Atualmente, o público leitor de Woolf no Brasil procura por trabalhos literários inéditos dessa escritora, além de apreciar edições com notas, apresentações, introduções ou posfácios elaborados por pesquisadores da literatura woolfiana. Nesse ponto, é importante dizer que esses pesquisadores realizam um trabalho reconhecido nacional e internacionalmente, que pode ser mensurado pela quantidade expressiva de livros, artigos, dissertações, teses, eventos e cursos relacionados à literatura woolfiana. Dessa forma, são eventualmente procurados para fazer curadorias de materiais inéditos da autora.

Se há alguns anos o romance (1999) e o filme *As horas* (2003) impulsionaram a procura por obras de Woolf no Brasil (romances, contos e ensaios), atualmente são os escritos pessoais (cartas, diários e ensaios autobiográficos) que atraem o leitor brasileiro. A literatura woolfiana no Brasil se expande pelas traduções de cartas da autora, grande parte ainda inédita em língua portuguesa. Assim, Virginia Woolf consolida-se como um ícone da literatura inglesa no Brasil, dado o número de edições e reedições de suas obras. Esperamos que este trabalho possa contribuir para o campo da história da tradução no Brasil, tendo como base os estudos acerca da literatura woolfiana.

## Referências

ÁGUA FRESCA: uma comédia de Virginia Woolf. Direção de Fabiano de Freitas. Tradução e dramaturgia de Victor Santiago Sousa, 2021a. [Peça de teatro].

ÁGUA FRESCA: uma comédia de Virginia Woolf. Direção de Sol Faganello. Tradução de Victor Santiago Sousa. Adaptação e dramaturgia de Gabriel Saito e Victor Santiago Sousa, 2025. [Peça de teatro].

BORBA, Lucas Leite. *A história recriada em Entre os atos, de Virginia Woolf*. Orientador: Rogério Mendes Coelho. 2024. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudos Literários) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/56846>. Acesso em: 22 jul. 2024.

AS HORAS. Direção: Stephen Daldry. Produção: Scott Rudin e Robert Fox. Roteiro: David Hare. [S. l.]: Miramax; Paramount Pictures, 2003.

BOTTMANN, Denise. Virginia Woolf traduzida no Brasil. *Não Gosto de Plágio*. Atualizado em: 12 set. 2018. Disponível em: [naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/08/woolf-no-brasil.html](http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/08/woolf-no-brasil.html). Acesso em: 22 jul. 2024.

BOTTMANN, Denise. *Irmãs Brontë, Katherine Mansfield e Virginia Woolf: um século de traduções no Brasil*. 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/47759788/Irm%C3%A3s\\_Bront%C3%AB\\_Katherine\\_Mansfield\\_e\\_Virginia\\_Woolf](https://www.academia.edu/47759788/Irm%C3%A3s_Bront%C3%AB_Katherine_Mansfield_e_Virginia_Woolf). Acesso em: 22 dez. 2024.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARIBÉ, Yuri Jivago Amorim. *Tradução, adaptação e reescrita da obra de Virginia Woolf por Michael Cunningham em The Hours (1998)*. Orientadora: Lenita Rimoli Pissetta. 2015. 170 f. Tese (Doutorado em Letras - subárea Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09062015-133748/pt-br.php>. Acesso em: 26 jun. 2024.

CUNNINGHAM, Michael. *As horas*. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FRESH water: a comedy. Texto, produção e direção de Virginia Woolf. 1935. [Peça de teatro].

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. rev. e amp. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2005.

HOWELLS, William Dean. *The Son of Royal Langbrith: a novel*. New York; London: Harper & Brothers, 1904.

LEE, Hermione. *Virginia Woolf*. New York: Vintage Classics, 1999.

LEFEVERE, André. *Translation Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. New York: Routledge, 1992.

MESQUITA, Ana Carolina de Carvalho. *O diário de Tavistock: Virginia Woolf e a busca pela literatura*. Orientador: Marcelo Pen Parreira. 2018. 655 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-30042019-120825/pt-br.php>. Acesso em: 05 out. 2024.

PYM, Anthony. *Method in Translation History*. New York; London: Routledge, 2014. E-book.

RIZZI, Andrea; LANG, Birgit; PYM, Anthony. *What is Translation History? A Trust-Based Approach*. Melbourne: Palgrave Macmillan, 2019. E-book.

SOUSA, Victor Santiago. *Freshwater: uma comédia de Virginia Woolf: uma farsa modernista em tradução*. Orientador: David Ferreira de Pinho. 2022. 277 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/18160#preview-linko>. Acesso em: 28 jan. 2024.

STEINER, George. *After Babel: Aspects of Language and Translation*. London, Oxford, New York: Oxford University Press, 1975.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Londres: Routledge, 2004. E-book.

WILLIAM, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. *The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

WOOLF, Virginia. *A leitora incomum*. Tradução de Emanuela Siqueira. Curitiba: Arte & Letra, 2020a.

WOOLF, Virginia. *A morte da mariposa*. Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Nós, 2021b.

WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own*. Londres: Hogarth Press, 1929.

WOOLF, Virginia. *A sra. Dalloway*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Novo Século, 2021c.

WOOLF, Virginia. *A viagem*. Tradução de Lya Luft, apresentação de Antonio Bivar e introdução de Angela Garnett. São Paulo: Novo Século, 2008.

WOOLF, Virginia. *A viagem*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Novo Século, 2021d.

WOOLF, Virginia. An unsigned review of W. D. Howells' *The Son of Royal Langbrith*. *The Guardian*, London, 14 dez. 1904.

SILVER, Brenda. "Anon" and "The Reader": Virginia Woolf's Last Essays. *Twentieth Century Literature*, v. 25, n. 3/4, p. 356-441, 1979a. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/441326>. Acesso em: 12 set. 2024.

WOOLF, Virginia. *Anon*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Introdução de Brenda Silver. São Paulo: Autêntica, 2024a.

WOOLF, Virginia. *As ondas*. Tradução de Sylvia Valladão Azevedo. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1946a.

WOOLF, Virginia. *As ondas*. Tradução de Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2021e.

WOOLF, Virginia. *Between the Acts*. Londres: Hogarth Press, 1941.

WOOLF, Virginia. *Contos completos*. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2005a.

WOOLF, Virginia. *Contos completos*. Tradução, notas e posfácio de Leonardo Fróes. São Paulo: Editora 34, 2023a.

- WOOLF, Virginia. *Ensaaios seletos*. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Editora 34, 2024b.
- WOOLF, Virginia. *Entre os atos*. Tradução de Tomaz Tadeu. Posfácio de Ayako Yoshino. São Paulo: Autêntica, 2022a.
- WOOLF, Virginia. *Flush: A Biography*. Ilustração de Katyuli Lloyd. London: Prosymne Press, 2018.
- WOOLF, Virginia. *Flush: A Biography*. Londres: Hogarth Press, 1933.
- WOOLF, Virginia. *Flush: uma biografia*. Tradução de Ana Ban. São Paulo: L&PM Pocket, 2004.
- WOOLF, Virginia. *Flush: uma biografia*. Tradução de Tomaz Tadeu. Ilustrações de Katyuli Lloyd e posfácio de Maria Esther Maciel. São Paulo: Autêntica, 2016.
- WOOLF, Virginia. *Freshwater: A Comedy*. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1976.
- WOOLF, Virginia. *Love Letters: Vita and Virginia*. New York: Vintage Classics, 2021f.
- WOOLF, Virginia. *Monday or Tuesday*. London: Hogarth Press, 1921.
- WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. London: Hogarth Press, 1925a.
- WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro: Globo, 1946b.
- WOOLF, Virginia. *Mulheres e ficção*. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a.
- WOOLF, Virginia. *O farol*. Tradução de Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Gráfica Record, 1968.
- WOOLF, Virginia. *O leitor comum*. Tradução de Ana Carolina Mesquita e Marcelo Pen. São Paulo: Tordesilhas, 2023b.
- WOOLF, Virginia. *O leitor comum*. Tradução de Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 2007.
- WOOLF, Virginia. *O quarto de Jacob*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- WOOLF, Virginia. *O sol e o peixe*. Tradução de Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2015a.
- WOOLF, Virginia. *O valor do riso e outros ensaios*. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2014a.
- WOOLF, Virginia. Objetos sólidos. In: BRAGA, Rubem (org.). *Os ingleses: antigos e modernos*. Tradução de Dias da Costa. Rio de Janeiro: Leitura, 1944. Coleção Contos do Mundo.
- WOOLF, Virginia. *Orlando*. Tradução de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Globo, 1948.
- WOOLF, Virginia. *Orlando*. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Penguin Companhia, 2014b.
- WOOLF, Virginia. *Orlando: a biography*. Londres: Hogarth Press, 1928.
- WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. Tradução de Laura Alves. São Paulo: Ediouro, 1994.
- WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. Tradução de Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2015b.
- WOOLF, Virginia. *Diários de Virginia Woolf—Volume 1: Diário 1 (1915-1918)*. Tradução, notas e comentários de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Nós, 2021g.
- WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: L&PM, 2012.

- WOOLF, Virginia. *Segunda ou terça*. Tradução de Renata Gomes. São Paulo: Red Tapioca, 2019b.
- WOOLF, Virginia. *Sobre estar doente*. Tradução de Ana Carolina Mesquita e Maria Rita Drumond Viana. São Paulo: Nós, 2021h.
- WOOLF, Virginia. Solid Objects. *The Athenaeum*, London, out. 1920.
- WOOLF, Virginia. *The Captain's Death Bed*. London: Hogarth Press, 1950a.
- WOOLF, Virginia. *The Common Reader*. Londres: Hogarth Press, 1925b.
- WOOLF, Virginia. *The Common Reader*. v. 2. London: Hogarth Press, 1932.
- WOOLF, Virginia. *The Complete Shorter Fiction of Virginia Woolf*. Edição e introdução de Susan Dick. London: Hogarth Press, 1985a.
- WOOLF, Virginia. *The Death of the Moth*. London: Hogarth Press, 1942.
- WOOLF, Virginia. *The Diary of Virginia Woolf. Volume One 1915-1919*. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1979b.
- WOOLF, Virginia. *The Sun and the Fish*. London: Hogarth Press, 1950b.
- WOOLF, Virginia. *The Voyage Out*. London: Hogarth Press, 1915.
- WOOLF, Virginia. *The Waves*. London: Hogarth Press, 1931.
- WOOLF, Virginia. *Three Guineas*. London: Hogarth Press, 1938.
- WOOLF, Virginia. *Três guinéus*. Tradução de Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2019c.
- WOOLF, Virginia. *Um quarto só seu*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019d.
- WOOLF, Virginia. *Um quarto só seu*. Tradução de Julia Romeu. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021i.
- WOOLF, Virginia. *Um teto só seu*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Brasília: Tagore, 2022b. E-book.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Adriana Buzzeti. São Paulo: La Fonte, 2020b.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa. Posfácio de Noemi Jaffe. São Paulo: Tordesilhas, 2014c.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vanessa Bárbara. São Paulo: Antofágica, 2022c.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005b. 1985b.
- WOOLF, Virginia; OCAMPO, Victoria. *Victoria Ocampo e Virginia Woolf: correspondências*. Tradução de Emanuela Siqueira, Nylcéa Pedra e Rosalia Pirolli. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024c.
- WOOLF, Virginia. *Vita e Virginia: cartas de amor*. Tradução de Camila von Holdefer. São Paulo: Editora Morro Branco, 2023c.
- WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.